

## VIDA CULTURAL DAS ELITES PAULISTANAS

*Maria da Graça Jacintho Setton*

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, Brasil

**Resumo** O objetivo desse artigo é apresentar dados acerca das práticas de cultura e do estilo de vida de setores das elites paulistas. Trata-se de um esforço de dialogar com a bibliografia no sentido de atualizar o conhecimento sobre esse grupo social. Para desenvolver o argumento os dados serão analisados a partir do corte de gênero, idade e tempo de pertencimento às elites. Dessa forma, problematizam-se três marcadores sociais na expectativa de realizar uma reflexão que vai além do que se sabe sobre as camadas dominantes da cidade de São Paulo, oportunizando referendar ou não a teoria da legitimidade cultural das elites. O que se observou é que o grupo apresenta certa uniformidade em seus gostos e práticas ao mesmo tempo que faz destacar diferenças entre si ao longo do tempo.

Palavras-chave: elites, práticas de cultura, socialização.

### Cultural life of São Paulo elites

**Abstract** The objective of this article is to present data about the cultural practices and lifestyle of sectors of the São Paulo elites. It is an effort to dialogue with the bibliography in order to update the knowledge about this social group. To develop the argument, the data will be analysed from the point of view of gender, age and time of belonging to the elites. In this way, three social markers are problematised in the expectation of carrying out a reflection that goes beyond what is known about the dominant strata of the city of São Paulo providing the opportunity to endorse or not the theory of the cultural legitimacy of the elites. What was observed is that the group presents a certain uniformity in their tastes and practices, whilst at the same time highlighting differences between them over time.

Keywords: elites, cultural practices, socialisation.

### La vie culturelle des élites de São Paulo

**Résumé** L'objectif de cet article est de présenter des données sur les pratiques culturelles et le mode de vie des secteurs des élites de São Paulo. Il s'agit d'un effort de dialogue avec la bibliographie afin d'actualiser les connaissances sur ce groupe social. Pour développer l'argumentation, les données seront analysées à partir de la limite du sexe, de l'âge et du moment de l'appartenance aux élites. De cette façon, trois marqueurs sociaux sont problématisés dans l'attente de mener une réflexion qui va au-delà de ce que l'on sait des couches dominantes de la ville de São Paulo, offrant l'occasion d'endosser ou non la théorie de la légitimité culturelle des élites. Ce qui a été observé c'est que le groupe présente une certaine uniformité dans ses goûts et ses pratiques, tout en mettant en évidence les différences entre eux au fil du temps.

Mots-clés: élites, pratiques culturelles, socialisation.

### La vida cultural de las élites paulistas

**Resumen** El objetivo de este artículo es presentar datos sobre las prácticas culturales y el estilo de vida de los sectores de élite de São Paulo. Se trata de un esfuerzo por dialogar con la bibliografía con el fin de actualizar el conocimiento sobre este grupo social. Para desarrollar el argumento, se analizarán los datos desde el límite de género, edad y tiempo de pertenencia a las élites. De esta manera, se problematizan tres marcadores sociales con la expectativa de realizar una reflexión que vaya más allá de lo conocido sobre las capas dominantes de la ciudad de São Paulo, ofreciendo la oportunidad de avalar o no la teoría de la legitimidad cultural de las élites. Lo que se observó fue que el grupo exhibe cierta uniformidad en sus gustos y prácticas, al tiempo que destaca las diferencias entre ellos a lo largo del tiempo.

Palabras clave: élites, prácticas culturales, socialización.

Compreender como gostos às vezes opostos, frequentemente híbridos, se formam, se deformam ou se transformam em uma determinada sociedade [...] é certamente um dos melhores meios de compreender uma sociedade ou um mundo social, como nele surgem novos grupos e se formam as fronteiras intergrupais, o que pressupõe notadamente uma melhor compreensão e explicação de como se articulam as relações sociais de gênero, de classe e de raça, sem esquecer as relações entre as gerações. (Saint-Martin, 2019: 22)

## Introdução

Dando continuidade a interesses de pesquisa acerca dos processos socializadores no interior da teoria disposicionalista, o artigo busca compreender como se caracterizam as práticas de cultura e o estilo de vida de um grupo de agentes pertencentes às classes superiores. Com base em dados coletados na investigação “Pensamento e Práticas Culturais das Elites Paulistanas”,<sup>1</sup> busca-se atualizar informações acerca das preferências culturais do segmento a fim de compreender a continuidade do poder simbólico que ainda detêm.

A teoria das elites há muito vem sendo repensada. Segundo Renato Perissinotto e Adriano Codato (2008), seria necessário certo ecletismo teórico para se avançar na discussão conceitual entre elites/elite, grupos e ou classes dominantes. Com base nesses autores, julga-se mais adequado trabalhar com as categorias grupos ou frações de elite, na medida em que elas dariam conta de operacionalizar a análise objetiva dos setores das classes dominantes e suas formas de representação simbólica. Entende-se a categoria elite como grupos que têm a posse de recursos sociais de prestígio com o poder de administrar a distribuição destes mesmos bens (Khan, 2012).<sup>2</sup>

As iniciativas de investigação acerca das elites brasileiras e sobretudo das frações de elites da cidade de São Paulo são bastante tímidas. Se, de um lado, o campo da educação já se dedicou aos processos de escolarização de parte delas, pouco se sabe sobre seus gostos culturais (Almeida e Nogueira, 2003 [2002]). O presente estudo contribui para uma agenda de pesquisa em que se tem como foco a oportunidade de conhecimento sobre esse grupo de difícil acesso, mas que, ao mesmo tempo na forma de narrativas veladas, serve como um modelo a ser copiado. Julga-se que sua maior contribuição está na produção de informações sobre de frações das elites, suas formas de legitimar gostos e práticas.

## Esboço metodológico

Convivendo e circulando em um grupo em que muitos agentes se destacavam por um protagonismo em suas áreas de atuação, e que em um ou dois contatos fariam

---

1 Pesquisa desenvolvida na Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, Brasil, no Grupo de Pesquisa Práticas de Socialização, desde 2017.

2 Para mais informações sobre a discussão teórica sobre as elites procurar em Setton (2021a).

com que se chegasse a estes sujeitos tão pouco acessíveis, decidiu-se por enfrentar mais um desafio de investigação. A técnica utilizada para entrar em contato com eles seguiu a metodologia “bola de neve”. Ou seja, procurou-se entre conhecidos aqueles que poderiam proporcionar as apresentações necessárias. Com forte experiência em pesquisas qualitativas nos setores médios e populares da cidade de São Paulo, construiu-se a possibilidade de formalizar uma investigação com eles (Setton, 2004, 2012, 2015).

A intenção era obter mais informações sobre este grupo raramente estudado até então. Em aulas e palestras nas universidades, era sempre frequente a impressão de que se tinha acumulado mais conhecimentos sociológicos sobre as camadas médias e populares do que sobre as elites brasileiras. As perguntas de pesquisa que se tornaram imperiosas foram: Como se reproduzem os grupos de elite? Como estes setores privilegiados reproduzem e justificam a dominação? Quais as estratégias de dominação de que fazem uso? Dando encaminhamento a esta ordem de questões, propôs-se uma investigação sobre nove setores representativos das elites paulistanas. Embora tenha como pressuposto que as elites se compõem de muitas frações (Khan, 2012), inicialmente investigou-se os seguintes domínios: a) políticos/ex-ministros/assessores; b) celebridades intelectuais; c) empresários da agricultura/pecuária; d) empresários do comércio; e) empresários industriais; f) empresários das finanças; g) profissionais liberais; h) empresários da comunicação; i) altos executivos.

Durante praticamente dois anos, teceu-se uma rede de relações, solicitações e agradecimentos de porte razoável. Para chegar aos 48 sujeitos entrevistados foi necessário falar com mais de uma centena de pessoas. A ideia inicial de que um entrevistado poderia apresentar a mais um, não se realizou. Sempre muito cuidadosos, raras as vezes um ou outro se dispôs a indicar um possível contato. Nem sempre havia ambiência para fazer esta solicitação. De contínuo muito ocupados, com tempo contado no relógio, sempre se privilegiou a condução do encontro a fim de dar conta de tudo que estava contemplado no roteiro da investigação. Na maioria das vezes, conseguia-se o telefone celular do/a possível entrevistado/a e fazia-se o contato pelo WhatsApp. Em outras ocasiões, contactava-se secretárias e, por último, o recurso do *e-mail*. As respostas nunca foram imediatas. De dois a cinco dias para obter algum tipo de resposta.

O trajeto e o tempo necessário para a realização de cada encontro não eram menores do que quatro horas. Um deslocamento de ida e volta de aproximadamente uma hora e meia, mais o próprio tempo da entrevista, de no mínimo 50 minutos e, no máximo duas horas, comprometia toda uma manhã ou mesmo uma tarde inteira. Poucas entrevistas se realizaram na residência dos sujeitos, apenas dez de um total de 48. Tudo leva a crer que na tentativa de agilizar a solicitação, grande parte dos contatados agendava o encontro para os momentos livres em seus escritórios. A espera no lado de fora na recepção ou em salas de reunião ou mesmo a expectativa de atraso da pesquisadora, sempre faziam emergir certa tensão a cada encontro. A procura de estacionamentos em ruas movimentadas, a consulta de que não havia se esquecido nenhum item para a realização do encontro mobilizavam uma atenção constante. O maior tempo de espera foi de três horas, mas isto não se deu de

forma constante. A grande maioria respeitou os horários. De duração de aproximadamente uma hora as entrevistas variaram de três horas a 40 minutos. Uma parcela reduzida tinha curiosidade sobre o destino das informações. Um dado de pesquisa parece importante ser declarado. Nunca chegar atrasada.

De posse de um roteiro de 90 questões, dividido em dados pessoais, escolarização pessoal e familiar, práticas de cultura no fim e durante a semana, questões sobre política e desigualdades sociais no Brasil, o instrumento se baseou em investigações de anos anteriores e no livro *A Distinção* de Pierre Bourdieu. A intenção era ao mesmo tempo conduzir a entrevista e contemplar as perguntas do questionário. O roteiro de entrevista ao longo da pesquisa foi se modificando. Algumas questões foram deslocadas da ordem inicial e outras suprimidas. Na verdade, não fizeram falta, pois, no transcorrer dos encontros respostas a elas eram feitas de maneira espontânea. Definida inicialmente a partir de um corte setorial, a investigação tinha como preocupação realizar um corte geracional e um corte de gênero.<sup>3</sup> No entanto, uma certa margem de flexibilidade foi necessária. Isto é, foi difícil encontrar sujeitos do sexo masculino ou feminino com sucesso profissional com menos de 40 anos. Pelo menos, em cada um dos setores investigados procurou-se um sujeito que se destacasse dos demais devido uma herança invejável e ou mesmo uma trajetória de sucesso que o alçou a um posto cobiçado de muita influência e poder. Foram entrevistados 25 homens e 23 mulheres.

O fato de ser apresentada como professora titular da Universidade de São Paulo abriu muitas portas e uma certa proximidade entre pesquisadora e pesquisado já se estabelecia facilitando o desenrolar da conversa. Em tom desprezioso e informal as entrevistas foram conduzidas com tranquilidade. No final de cada uma delas observou-se certa descontração entre os sujeitos, já que as questões não versavam sobre dados financeiros e sim sociais e culturais. Tendo sido feita uma breve pesquisa sobre cada investigado/a, acabou-se por construir certa convivência com eles mesmo antes dos encontros. Na tentativa de criar um ambiente de empatia, logo no início, estabelecia-se certa informalidade chamando-os/as pelos nomes, sem nenhum título de senhor, senhora, doutor ou doutora. Poucas foram as ocasiões em que isso não ocorreu.

Por fim, ao apresentar a pesquisa nunca foi usada a palavra *elite*. Sempre se apresentou as razões do contato como um estudo de natureza acadêmica, no campo da sociologia da educação, sobre a trajetória social e profissional de indivíduos que possuíam uma posição de destaque em sua área de formação. A preocupação era de que a palavra *elite* poderia despertar certa conotação negativa podendo, em certos casos, embaraçar os sujeitos entrevistados.<sup>4</sup>

Participaram da pesquisa 48 indivíduos<sup>5</sup> distribuídos em nove setores econômicos. No total 25 homens e 23 mulheres divididos em quatro gerações: quatro entre

3 Questões relativas aos aspectos geracionais e de gênero encontram-se no artigo de Setton, Viana e Neves (2022).

4 Os trechos acima foram baseados no artigo de Setton (2021b).

5 A amostra de 48 sujeitos foi definida, inicialmente, por ser o número mínimo para o uso de uma ACM. Contudo, por ora, ainda não se fez uso desse recurso estatístico.

**Quadro 1** Quadro síntese da amostra

	Homens				Total	Mulheres				Total
	32 a 40 anos	41 a 50 anos	51 a 65 anos	Mais de 66 anos		32 a 40 anos	41 a 50 anos	51 a 65 anos	Mais de 66 anos	
3 gerações	–	–	2	3	5	–	–	1	3	4
2 gerações	–	1	–	1	2	1	2	–	–	3
Famílias intelectuais	–	3	2	3	8	1	1	2	2	6
Altamente escolarizados	1	3	5	1	10	1	3	3	3	10
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>7</b>	<b>9</b>	<b>8</b>	<b>25</b>	<b>3</b>	<b>6</b>	<b>6</b>	<b>8</b>	<b>23</b>

32 a 40 anos; 13 entre 41 a 50 anos; 15 entre 51 a 65 anos e, 16 com mais de 66 anos. Com relação ao tempo de pertencimento às elites, os sujeitos também se dividiram em quatro grupos. O primeiro grupo congregou indivíduos nessa posição há três gerações (N=9). Ou seja, seus pais e avós já pertenciam às frações das elites. No segundo grupo, suas famílias se destacaram por estarem há duas gerações na elite, na maioria migrantes (N=5). O terceiro agrupamento tem origem em famílias intelectualizadas (N=14) com contínua herança de capital cultural. São aqueles que conseguiram travar contatos sociais promissores para uma alavancagem social. O quarto grupo de pessoas *altamente escolarizadas* (N=20), também de grande expressão numérica, se destaca em função do tipo de conhecimento e ou capital informacional e internacionalizado adquirido na profissão.

### Esboço teórico

Apoiando-se na obra de Pierre Bourdieu, a discussão se insere em uma vertente das teorias do poder e da dominação simbólica, largamente estudadas pelo autor. Ancoradas nos estudos sobre *habitus* e práticas de cultura cremos poder desenvolver um caminho para a identificação das gêneses dos processos de dominação que exercem sobre os demais segmentos sociais. Por trás da força econômica e da visibilidade midiática de alguns de seus expoentes, oculta-se um poder subjetivo de difícil enquadramento.

Vale lembrar que a sociologia das práticas culturais se fez conhecida, desde a metade dos anos 1970, pelo modelo de homologia estrutural do espaço de posições sociais e do espaço dos estilos de vida teorizado por Pierre Bourdieu. Nesse sentido, destacam-se três dimensões analíticas que se complementam: a dimensão do espaço social, a dimensão do espaço simbólico e a do *habitus*. Pela mediação do *habitus* e de sua capacidade de gerar práticas classificáveis e classificadoras, o espaço social transmutar-se-ia em espaço simbólico e as práticas dos agentes tornar-se-iam signos de distinção. O *habitus*, segundo a perspectiva encontrada no

livro *A Distinção* (Bourdieu, 1979) tem a propriedade de ser transponível para todas as outras dimensões da vida de modo que, conseqüentemente, a hierarquia dos estilos de vida seria uma tradução das diferenças objetivas do espaço social.

No estado atual das pesquisas, contudo, vamos propor como hipótese essa tese pois entre a hierarquia das posições sociais e a hierarquia dos gostos pode haver desajustes. Ver-se-á que as práticas legítimas não constituem a norma no âmbito das classes abastadas aqui investigadas, nem é verdadeiro que elas não se autorizem a práticas menos legítimas (Saint-Martin, 2019; Lahire, 2006 [2004]). Estudos mais recentes, propõem que a teoria do gosto ou das práticas culturais no Brasil deveria buscar autonomia frente ao campo da sociologia da cultura. Isto é, advoga-se a necessidade de desenvolvimento de um novo campo de pesquisa. Concordando com Saint-Martin (2019) e Pulici e Fernandes (2019), é preciso lembrar que o estudo das lógicas do gosto por muito tempo não foi evidente e ainda não é totalmente reconhecido em solo nacional. No Brasil, desde os anos 70, por exemplo, os estudos sobre recepção e consumo de cultura se apresentaram sempre de maneira dispersa e com pequeno diálogo interno (Forjaz, 1988; Botelho e Fiore, 2004; Setton, 2004, 2012; Mira, 2008; Pulici, 2009; Souza, Airoza e Cerchiaro, 2013; Moraes Silva e Lopes, 2015; Mira, Castro e Michetti, 2023; Bertoncelo e Nicolau Neto, 2023).

Se a sociologia do gosto permanece fortemente impregnada pelo conceito de legitimidade cultural, cujo argumento aproxima o gosto dominante ao gosto das classes dominantes, esta concepção se choca com algumas evidências empíricas. Parece que hoje, e os dados desse estudo confirmam, o estilo de vida das classes superiores se caracteriza tanto pela legitimidade cultural das preferências e dos hábitos quanto pelo ecletismo dos gostos e práticas (Coulangeon, 2023 [2021]).

Indo mais adiante, o crescimento do ecletismo cultural das frações das elites é frequentemente entendido como um declínio das fronteiras simbólicas entre as classes sociais. Todavia, seria importante observar que as diferenças entre os agrupamentos estão baseadas muito mais nas atitudes do que no conteúdo das práticas e/ou em relação aos objetos escolhidos. Concordando com Bourdieu (1983 [1980]) a diferenciação do objeto consumido e a maneira de consumi-lo está no seio da dinâmica das cultas reapropriações das obras da cultura popular, que recompõem permanentemente as fronteiras da cultura culta. Assim essa perspectiva não resulta na diminuição das relações simbólicas de dominação entre os grupos na medida em que eles são definidos pela unidade dos estilos observados em relação a objetos heterogêneos e não pela homogeneidade dos objetos em cujas práticas e preferências são baseadas (Coulangeon, 2004). O ecletismo parece assim como um privilégio dos possuidores da cultura culta que agregam no repertório das práticas legítimas um certo número de empréstimos às práticas ilegítimas.

Mais do que isto, os estudos da área apresentam diferenças de gosto e de práticas culturais nada desprezíveis se comparamos os sexos, as faixas etárias e a origem de classe (Donnât, 1997). Em nosso caso, é possível observar que tais marcadores auxiliam a caracterizar o grupo investigado para além de suas práticas legítimas.

Compreender os gostos, fazer uma sociologia dos gostos é conhecer as condições em que os consumidores são produzidos, bem como conhecer suas

disposições e a oferta da produção cultural. Bourdieu (1983 [1980]) alerta que do lado da produção e/ou da oferta, o campo artístico é o lugar de uma mudança permanente; e, do lado da mudança da demanda de consumidores, a elevação do nível, quantitativo e qualitativo, de instrução faz com que um número maior de pessoas adquira bens culturais. Assim, o prolongamento geral da escolaridade e, em particular, a intensificação da utilização que as classes que já a utilizam podem fazer do sistema escolar, explicam o crescimento de todas as práticas culturais.

Trabalhando com 48 sujeitos bem como no contexto do ano de 2018, observamos tanto uma reestruturação das frações das elites como também um maior leque de práticas entre elas. Tudo leva a crer que, como na França (Coulangeon, 2004), as novas configurações de gostos no Brasil são imputáveis ao modo de seleção e da formação das elites. Segundo Coulangeon (2004) num espaço de 20 anos a composição das elites mundiais contemporâneas oscilou do polo da cultura e da ciência em direção a uma racionalidade econômica e administrativa, e essa evolução, que se traduziu em um movimento mais profundo, não se manifestou apenas no topo da instituição escolar. Um modelo gerencial, importado dos EUA, constituiu-se em um culto modernizante das elites dirigentes na redefinição de conteúdos da formação oferecida nas escolas de executivos, onde novas disciplinas suplantaram a tradição das humanidades.

Os dados desta investigação apontam que grande parte dos entrevistados seguiu uma formação tradicional, como administração, economia, direito e engenharia (N=27). Outros, em menor número, seguiram carreiras na área das humanidades, como jornalismo, ciências sociais e filosofia (N=12).<sup>6</sup> A incorporação dos setores dirigentes no regime salarial manifesta também o estabelecimento de um capitalismo gerencial que tende a separar a direção e a propriedade das empresas e acompanha um movimento de racionalização de carreiras destinadas a fragilizar o peso da origem e dos pertencimentos de classe. Dessa forma, as classes superiores assalariadas partilhavam, como veremos, com as demais classes, certos repertórios culturais comuns, como na literatura, TV e mídias. No caso da presente investigação, em acordo com tendências mundiais, o número de sujeitos que chegaram às elites via escolarização é elevado. Especificamente no Brasil, verificou-se no século XX um prolongamento da duração média da escolarização. Nesse sentido, pode-se verificar, como decorrência, a intensificação de certas práticas culturais legítimas por parte dos altos executivos e dos diplomados no ensino superior.

Do ponto de vista da oferta de bens culturais, entre seus responsáveis podemos elencar o desenvolvimento de uma cultura de massa, cujo crescimento da produção não se traduziria na homogeneidade dos conteúdos nem na onipotência das mídias. Desde 1970 o Brasil vem admitindo uma produção nacional, além de agregar produtos transnacionais entre suas mercadorias, onde a cultura de massa se fortalece de forma significativa, dando expressão a práticas extensivas de um lazer de entretenimento (Ortiz, 1988).

Lembramos ainda que a leitura acima demonstra a mudança do comportamento cultural das classes superiores, explicando um rejuvenescimento e uma renovação das elites. Adotando referências culturais de sua categoria de chegada, as

6 Atendendo à dimensão da amostra, optamos por apresentar apenas a frequência absoluta (N).

jovens gerações dos promovidos no seio das classes superiores guardariam ainda traços do ambiente cultural de origem, demonstrando como os indivíduos chegam de fato a articular disposições culturais heterogêneas e ou híbridas de seus ambientes sucessivos (Setton, 2016).

### Mudanças estruturais na composição das frações das elites

Os breves apontamentos que seguem auxiliam mapear as famílias dos sujeitos investigados e suas vivências nessas transformações estruturais. Poderíamos classificar nossa amostra em quatro frações, sendo cada uma delas um espelho das condições de mobilidade social brasileira.

Ribeiro (2014), afirma que as elites brasileiras mantêm uma alta propensão para transmitir sua posição de classe para os filhos tal como pudemos verificar em nossa amostra. Há muita mobilidade em termos absolutos, mas forte associação entre classe de origem e de destino. Por sua vez, raramente se verifica mobilidade descendente nas classes altas. Segundo ele a mudança rápida na estrutura de classes brasileira levou muitos *herdeiros* a experimentarem mobilidade social ascendente, podendo afirmar que as classes de profissionais e administradores são as mais fechadas de todas em termos de mobilidade. Esse padrão de imobilidade no topo, indica que a estrutura social brasileira é muito rígida. Ademais, a situação acima auxilia a afirmar que não vivemos numa meritocracia na qual riqueza e altas posições foram conquistadas por meio de uma trajetória individual bem-sucedida. A bibliografia econômica se refere à evidência de que a imensa maioria das fortunas é fruto de heranças ou vantagens educacionais e sociais desfrutadas por famílias já favorecidas (Daie, 2014: 116).

A pesquisa registrou que muitos possuem ensino superior (N=17) e metade deles possuem longevidade escolar em cursos de pós-graduação (N=24), principalmente fora do Brasil. Os dados demonstram que eles se formaram nas universidades mais reconhecidas e renomadas no Brasil e no exterior (N=28). Ou seja, a pesquisa observou que as classes de origem continuam afetando os destinos posicionais, o que significa que, mesmo levando em conta a educação alcançada, observou-se desigualdades de oportunidades e de mobilidade social, na medida em que indivíduos com origens nas classes mais altas continuam tendo vantagens em relação aos indivíduos com origens em classes mais baixas. Esses dados confirmam estudos da sociologia da educação, mas não eliminam completamente os efeitos das categorias de origem nas de destino. Tudo leva a crer, como os dados aqui atestam, outros mecanismos de reprodução de classe tais como um possível diferencial na forma de disposições ligadas ao capital cultural e ao *habitus* familiar de motivação, expertise ou redes de contato social que podem favorecer pessoas com origens nas classes mais altas.

[I-13] O primeiro emprego dele [pai] foi na GE em um programa de *trainee*, mandaram esta turma para os EU ficando vários anos lá. De repente a indústria automobilística começou a crescer, ele falava alemão e inglês. [Homem / há três gerações nas elites / 67 anos]

No que se refere a uma herança cultural, a amostra evidencia que pais receberam uma escolarização privilegiada tendo cursado o ensino superior e ou uma pós-graduação (N=41). No caso das mães dos entrevistados, observou-se a presença majoritária do ensino médio (N=32). No tocante aos avôs paternos e maternos, é relevante que grande parte deles completaram o ensino médio, mas um número expressivo realizou o ensino superior (N=13) em um momento em que este nível de ensino se traduzia em um privilégio de poucos. Por outro lado, as avós não tiveram a mesma sorte ainda que tenhamos encontrado senhoras que completaram o ensino universitário.

Quando se perguntou sobre a ocupação dos pais (N=28), avôs paternos (N=28) e maternos (N=16), responderam que boa parte deles/delas desempenharam as funções mais altas da administração de negócios, como altos executivos, diretores e/ou presidentes de empreendimentos da família, bem como profissionais liberais, advogados e médicos. Muitos deles associavam a função de fazendeiros com atividades liberais e ou intelectuais. Suas avós, todavia, eram majoritariamente do lar. Em relação ao cônjuge, tanto dos homens como das mulheres, um número expressivo desenvolve atividades no mercado financeiro como administrador de patrimônio em agências próprias ou como sócios (N=26). Nesse sentido, o Brasil faz parte de uma nova estrutura da economia mundial em que o capital financeiro passa a ser altamente rentável para pequenos grupos em detrimento do capital de investimentos na produção da riqueza coletiva (Jacoby, 2014). A prole dos investigados em sua maioria está em idade de formação, mas aqueles que já trabalham estão empregados nas corporações da família ou se encontram no mercado financeiro.

### Herança e cultura

Buscando as representações culturais e as estratégias voltadas para a conquista e manutenção de uma legitimidade do grupo, construiu-se um questionário, respondido no momento da entrevista, em que se perguntava sobre hábitos cotidianos,<sup>7</sup> a seleção de vestuário, a importância do uso de cosméticos, o cuidado em seguir a moda e adotar dietas, a escolha de mobiliário, alimentos preferidos, bebidas favoritas, bem como a forma de consumir estes itens. Na expectativa de que seus hábitos de cultura pudessem revelar visões de mundo, seguiu-se a hipótese de que as posições sociais ocupadas apresentariam homologias com seus gostos. Uma mescla de questões em que a bibliografia conceitua como práticas de cultura erudita ou *highbrow* (museus, teatro, exposições de arte, concertos de música erudita, balé) ou cultura ampla (TV, cinema, *shows*), bem como tópicos de estilos de vida (Draelants e Ballatore, 2021).

De fato, confirmando uma bibliografia há muito prestigiada (Pinçon e Pinçon-Charlot, 2007, 2019 [1998]), nossos pesquisados possuem uma forte tendência a se manterem fechados em seus círculos sociais frequentando espaços exclusivos.

7 Séries TV, ginástica, viagens, escuta musical, ida a restaurantes, estádios de futebol, cultos religiosos, organizações voluntárias, leituras, usos do *e-book* e internet, leitura de revistas e jornais, características de personalidade valorizadas.

Tal revelação é confirmada quando se observou que a rotina de uma semana comum é preenchida com a ida a restaurantes (N=39) e viagens no final de semana (N=33). Com a família, quando essa é composta de crianças e pré-adolescentes, sair de São Paulo é uma garantia de maior convívio com a prole e a esposa/o, dada uma semana atribulada de muitas horas de trabalho. Os destinos não são muito diferentes, concentrando-se em condomínios fechados próximos da metrópole. O mais citado foi o “*Baroneza*”.<sup>8</sup> Lá a segurança e a proximidade com pares asseguram a manutenção de uma vida confortável, sem surpresas desagradáveis ou incômodos, tais como revela um dos nossos pesquisados. Praias, como Ilha Bela ou litoral norte de São Paulo, um pouco mais distantes, podem ser alcançadas com o uso de helicópteros privados ou alugados. Ali o destino são os barcos da família ou residências particulares.

[I-38] Nunca fico em São Paulo e por questões de segurança estou em uma casa dentro de um condomínio, triste. [Homem / há três gerações nas elites / 68 anos]

[I-12] Muito cedo eu comprei uma casa em Ilha Bela, já era piloto, fim de semana pegava os filhos, pegava o barco. Domingo esquiava até uma hora, almoçava, deixava o barco no iate clube, ia para o avião e São Paulo. [Homem / há três gerações nas elites / 82 anos]

Ainda em família, as viagens de férias se realizam fora e dentro do Brasil, numa explícita iniciativa de apresentar aos filhos/as, ou mesmo neto/as, destinos mundiais, europeus e nacionais, mais consagrados.

[I-2] Eu fui para a Itália e vou de novo com os meninos. [Mulher / altamente escolarizada / 43 anos]

[I-41] Férias, viajo para a Europa, vou agora para a França, Paris, e depois para Dinamarca. Vou estar com meus netos. [Mulher / há três gerações nas elites / 67 anos]

[I-42] O futebol aqui está muito ruim. Eu viajo para o exterior pelo menos uma vez por ano com os meus netos e aí eu vou com eles. [Homem / famílias intelectualizadas / 76 anos]

Quando em casal, os destinos das viagens são mais especiais, como estadias no Camboja, cursos de imersão espiritual na Índia ou um período em barcos de grande porte na costa mediterrânea.

[I-16] Com meu marido fazíamos uma coisa mais alternativa, Ásia, mergulho em Galápagos, Machu Pichu. A gente tem uma pegada mais aventureira. [Mulher / altamente escolarizada / 40 anos]

8 Quinta da Baroneza, em Bragança Paulista, em que em média as casas possuem o valor de 25 a 30 milhões de reais.

Na direção de frequentar espaços fechados e exclusivos, à ida a restaurantes em bairros centrais e nobres da cidade de São Paulo, como Jardins e Itaim, a preferência é para as grifes gastronômicas, como a do grupo Fasano. Gero, Parigi ou clássicos como Amadeus e Vecchio Torino. Sem dúvida uma preferência clara aos italianos. Opções diferentes destas encontramos as churrascarias Rodeio, Dinho's e Varanda, acompanhados por uma culinária japonesa, como Nagayama, e Naka.

[I-13] Amadeus para peixe, Gero sempre para massas, e carne o Rodeio. [Homem, há três gerações nas elites / 67 anos]

Seria importante lembrar que a distância média em quilômetros entre essas opções é bem reduzida. Com manobristas na porta, sem a necessidade de caminhar pelas ruas e ou atravessá-las, sentindo o ruído urbano ou calçadas em desalinho, essa seleção demonstra a importância de se sentir seguro a eventuais abordagens. Entre os entrevistados dois tiveram seus pais assassinados em frente à residência da família e outra um irmão morto em um assalto. Episódios como sequestros, ou ameaça disso, ocorreram na família de duas delas.

[I-37] E aí eu tive uma tentativa de sequestro, acabou com a minha vida por muito tempo, já tinha carro blindado. A gente tinha sofrido um assalto horrível um mês antes, na fábrica. [Mulher/ há três gerações nas elites / 54 anos]

Embora não seja generalizado, fazem uso de carros blindados e com segurança privada para seus familiares.

[I-9] Tenho segurança, estão espalhados, mas me enche o saco, já pensei em sair do Brasil, infelizmente é um problema que a gente vive, você não tem liberdade, não pode fazer o que quer. [Homem /há duas gerações nas elites /42 anos]

Os valores gastos não são mencionados como uma preocupação. Normalmente, um custo médio por pessoa de 1/3 do salário-mínimo em maio de 2024 (R\$1412,00). Na forma de exigência gastronômica alguns afirmam.

[I-28] Não vou comer macarrão, isso é mortal, aqui [no Brasil] não tem nada. [Homem / famílias intelectualizadas / 85 anos]

Para muitos é relevante a experiência de ali aproveitar o melhor de São Paulo, numa comunhão identitária com seus pares. Já há algum tempo, algumas opções de bons restaurantes no centro da cidade, tal como a grife da família Rueda<sup>9</sup>, foram pouco citados.

9 A Casa do Porco foi eleita um dos melhores restaurantes do mundo pelo *The World's 50 Best*. Sua chef, Janaína Rueda também foi eleita como a melhor chef do mundo em 2024.

[I-45] Eu acho assim, comida italiana fora da Itália é sempre uma interpretação. Eu prefiro na Casa do Porco, para mim foi uma descoberta, porque é uma comida que é tudo de porco, mas é de uma sofisticação, porque é *nouvelle cuisine* com inspiração. [Mulher /há três gerações nas elites / 80 anos]

Sustentando o gosto por uma circulação restrita na cidade, nossos entrevistados disseram fazer compras de vestuário fora do Brasil (N=30). O fato de estarem com mais tempo livre para as escolhas, o valor menos abusivo em *malls* do exterior, juntamente com a oportunidade de selecionar a moda *up to date*, estes sujeitos parecem circular com desenvoltura em espaços em que a construção de uma identidade internacionalizada se afirma e se objetiva em uma indumentária restrita a poucos.

[I-42] Não tenho muita roupa, eu compro em viagem e não estraga, malha de cashmere que eu gosto, dura a vida toda. [Homem / famílias intelectualizadas / 76 anos]

[I-30] Todo mundo fala, eu sou exemplo, algumas marcas de grife já me procuraram pois queriam que eu vestisse, já me deram roupa para vestir. [Mulher / altamente escolarizada / 52 anos]

Ao lado dessas atividades no interior da rotina das elites pesquisadas destacam-se a prática da leitura de livros (N=36) e o manuseio constante às informações da internet (N=32). Instagram, noticiários esportivos e culturais, jornais e revistas *online* fazem parte do dia a dia. Associada a práticas a solo, observou-se que a escuta musical é também uma constante. No carro ou na prática esportiva utilizando o Spotify, os sujeitos pesquisados reforçam o gosto pelas atividades individuais, muitas vezes domésticas (N=40). Todavia, ainda que a maioria não assista TV, é impressionante o grande apreço às séries televisivas. Netflix, Varilux e Now acompanham as noites após o jantar de quase todos (N=33). O gênero dos seriados acompanha a crítica da imprensa, destacando-se *House of Cards*, *Casa de Papel*, *The Crown*, *The Tudors*, todas elas com cenários e roteiros que alimentam a identidade dos poderosos, seus recursos e estratégias em disputas sociais. Destacam-se os títulos de filmes ganhadores do Oscar e esses são sempre elogiados. Crítica social não é o forte do grupo, optando sempre por películas ou séries em que o entretenimento é a opção principal. Neste sentido, os pesquisados se diferenciam daqueles entrevistados por Mira, Castro e Michetti, (2023), com alto volume de capital cultural, que criticavam as megaproduções de Hollywood.

Se adentrarmos nas práticas que os seduzem menos, ver-se-á que elas completam um perfil social mais caseiro. Poucos frequentam cultos religiosos (N=26) e organizações voluntárias (N=20) e a maioria não vai a estádios de futebol (N=44). Alguns vão aos cinemas, *shows* de música e teatros. Dados que, como veremos, têm uma certa variação entre os gêneros, gerações e tempo de pertencimento às elites. Todas as atividades que normalmente fazem com que encontrem uma realidade distante daquela a qual estão acostumados. A crítica a espetáculos teatrais, soa com certo esnobismo.

[I-45] Eu detesto, sabe por que, eu acho pobre, é uma coisa horrível isso que eu estou falando, eu só gosto de teatro na Inglaterra. [Mulher / há três gerações nas elites / 80 anos]

[I-42] Mas também de novo em um teatro que hoje não existe mais, este experimental muito, eu não gosto. Eu gosto muito de ópera, tanto que nós vamos praticamente todo ano ver [Wagner]. [Homem / famílias intelectualizadas / 76 anos]

Filas, esperas e aglomerações e as distâncias entre as residências e os equipamentos culturais dificultam o apreço à cultura de saídas (Donnât, 1997).

[I-18] A gente tem assinatura de música na Sala São Paulo e acabamos abandonando por causa do problema do trânsito para chegar lá, agora temos a assinatura de dança no Alfa, mais perto de casa. [Homem / altamente escolarizado / 65 anos]

Ambos, homens e mulheres contaram com o auxílio da família para se desenvolverem profissionalmente (N=46), sendo que, paradoxalmente, elas entraram mais cedo (N=10) no mercado de trabalho do que eles (N=4). Suas atividades laborais concentram-se na administração de patrimônio próprio, altos executivos e/ou diretores de empresas (N=27). Por outro lado, um número menor desempenha atividades na política, nas profissões liberais e intelectuais (N=12). Dedicam de nove a mais de doze horas diárias de trabalho (N=20).

Em matéria de gosto e práticas culturais, podemos afirmar que alguns estereótipos de gênero entre os sexos ainda se apresentam. Bourdieu (2002) ressalta o valor das instituições que concorrem permanentemente para garantir essas permanências (*habitus*), como a Igreja, o estado e a escola, cujo peso relativo e funções podem ser diferentes, nas diferentes épocas. A força de mecanismos socializadores para relações de gênero em nosso caso, parecem não ter permitido que as mulheres alcançassem a escolarização conquistada pelos homens, tendo elas frequentado universidades e cursos menos reconhecidos (Setton: 2022). Seus pais, mães, avôs e avós, se destacam por terem uma formação mais modesta do que os familiares dos homens. Entraram cedo no mercado de trabalho e têm experiências em empresas de médio e/ou pequeno porte. De certa forma, evidenciamos a determinação e um sobretrabalho que tiveram que acionar para estabelecerem uma carreira de sucesso.

[I-8] O que eu percebi ao longo da minha carreira, eu sempre me destacava pela educação, pela postura, pela vontade. [Mulher / altamente escolarizada / 55 anos]

São elas também mais ecléticas na escolha de bebidas alcoólicas e na prática esportiva. Vinho, espumante, gim, caipirinha e cerveja são apreciados por elas. Preferem caminhada, musculação e ioga (N=16). Gostando do gênero musical brasileiro de referência (MPB), são as únicas a apreciar mantras indianos. Em matéria de dietas, elas são as campeãs (N=17). Preferem refeições em que a carne branca é o destaque, bem como, contraditoriamente, apreciam sem moderação doces, chocolates e frutas. Muitas trocam uma refeição pelo doce.

[I-19] Eu vivo de doces, eu deixo de comer outras coisas, a pessoa come picadinho, arroz, feijão. Eu como um bolo de chocolate. Dá na mesma em calorias. [Mulher / há duas gerações nas elites / 48 anos]

Entre elas estão os que mais dão importância aos cultos religiosos (N=13) e à religião (N=13), são as que mais fazem meditação (N=9), despendendo tempo com a filantropia e em organizações voluntárias (N=13). São elas na maioria católicas.

[I-30] Eu sempre desde criança, eu falava com Deus. Eu tinha uma coisa que eu falava com ele. [Mulher / altamente escolarizada / 52 anos]

[I-48] Eu trabalho para Deus, né? Eu trabalho de graça para que o mundo se entenda melhor. [Mulher / altamente escolarizada / 56 anos]

Na mesma direção são elas que dão muita importância aos cosméticos (N=13), às dietas (N=17) e à moda (N=9). Comprando suas roupas fora do país, gostam de se vestir de maneira clássica, mas também com audácia e na vanguarda.

Os homens possuem suas particularidades. Vindos de famílias ligeiramente mais escolarizadas, possuem formação em áreas tradicionais, como engenharia, direito e administração (N=16) nas melhores universidades brasileiras (N=16). Curiosamente entraram no mercado de trabalho depois dos 25 anos e hoje realizam-se profissionalmente em empresas de grande porte no ramo do comércio, como altos executivos e profissionais liberais. Diferente das mulheres permanecem mais tempo de seu dia nos locais de trabalho (N=13). São os que mais frequentam restaurantes (N=21). São os que mais se dizem agnósticos (N=7), dão pouca importância a religião (N=15), não frequentam cultos religiosos (N=8), organizações voluntárias (N=10) e um número reduzido vai a estádios de futebol (N=2). Em matéria de esporte são adeptos à musculação com *personals* (N=10).

### Geração e cultura

O que mais chama atenção no aspecto geracional não se encontra na diferenciação de práticas e sim no estilo, no gosto e na forma como eles as consomem. Independentemente da idade, evidenciou-se o gosto por atividades caseiras. Dedicam alta consideração à leitura de revistas (N=25), jornais (N=40), uso da internet (N=32), escutar música (N=35) e à assistência a séries de TV (N=24). Todos apresentam pouca frequência a espetáculos e quando saem preferem diversão com humor e de generalidades longe das questões sociais que abundam ao redor (N=14). Comparando com dados citados por Botelho e Fiore (2004), o cinema perdeu parte de seu público (N=18). Museus (N=24) e exposições de arte (N=22) são regularmente frequentados. Vale relembrar que todos vão a restaurantes com assiduidade e viajam com seus familiares aos fins de semana (N=29). Por outro lado, cultos religiosos (N=15), estádios de futebol (N=2) e o uso de *e-books* (N=24) são práticas de menor interesse. Aferem pouca importância à moda (N=26), mas ao contrário dedicam tempo no

uso de cosméticos (N=18) e dietas (N=24). A maioria pratica uma atividade física (N=42), sendo geral o gosto pela musculação (N=17).

Não obstante, identificamos, embora com ligeira diferença, que os mais velhos ainda frequentam os cinemas (N=12), museus (N=16) e exposições de arte (N=14) em maior número, e os jovens são mais interessados em ir a *shows* de música (N=8). Eles estão antenados a *shows* de bandas estrangeiras, tais como Iron Made e o festival Lollapalooza. Quanto à TV, os acima de 51 anos assistem programas de esporte e noticiários (N=10), enquanto os mais jovens definitivamente não assistem (N=10). Na escuta musical observou-se que os jovens são mais ecléticos, apreciando além da música brasileira de referência, o *rock* e o sertanejo (N=11). Contudo, a música erudita e o *jazz* são preferência dos mais velhos (N=17).

[I-27] E escuto em casa, acho meio chato aquele negócio de plateia, senta, levanta, bate palma, entra o cara, sai o cara [maestro]. [Homem / famílias intelectualizadas / 59 anos]

Pode-se afirmar e algumas pesquisas confirmam (Mira, Castro e Michetti, 2023) que entre as diferenças de estilos destacam-se as opções de viagens de férias e entretenimento familiar. Se as viagens de final de semana são semelhantes em todas as faixas etárias, entre os mais novos os itinerários são mais educativos, num esforço de levar a prole a se divertir em locais onde é forte a presença de colegas ou referências da escola.

[I-9] Vou para Ilha Bela, Rio de Janeiro, para treinamentos ou competições de vela que eles participam. A gente conseguiu desenvolver um meio de conviver, eles fazem hipismo e, por mês, nós temos no mínimo, dois fins de semana completamente juntos. [Homem / há duas gerações nas elites / 42 anos]

Ainda no tocante a diferenças de estilo e não de práticas, os mais velhos dão preferência a revistas em língua estrangeira, tais como *The Economist*, *Times*, e as nacionais *Veja/IstoÉ/Época* (N=16). Os mais jovens as revistas, como *Vip*, *Poder*, *Piauí*, *Vogue*, e artísticas, um misto de moda, assuntos de negócios e estética visual sofisticada (N=6). Entre os jornais a leitura está presente em todos, mas os de meia idade leem o *New York Times* e *The Guardian* (N=25). No que se refere à leitura, verificou-se que são os mais velhos os que leem mais e quanto ao gênero de preferência constatou-se que eles são mais ecléticos apreciando biografias, livros clássicos, históricos e técnicos relacionados ao trabalho (N=64). Este último é preferência dos mais jovens (N=18). O estilo de vida daqueles que possuem mais idade é acompanhado por móveis clássicos e sobretudo modernos. São eles também que no vestuário escolhem uma moda audaciosa e de vanguarda (N=7) enquanto as frações mais jovens optam por uma indumentária clássica (N=12). São os acima de 51 anos os únicos a escolher como característica de personalidade os indivíduos refinados, de *estirpe* e *bon vivant*. Todavia, a escolha por sujeitos educados, dinâmicos e ponderados é quase uma unanimidade. No que se refere à alimentação, as gerações também se diferem. Os mais velhos são mais atirados, apreciando carnes vermelhas,

comidas condimentadas e massas. Já seus companheiros de 32 a 50 anos dão preferência para carnes brancas, leves, grãos e frutas, numa visível opção por uma alimentação mais saudável.

Boa parte dos mais jovens possuem apenas um a dois filhos (N=14) enquanto os mais velhos possuem mais de três filhos (N=11). O tempo de dedicação a eles é mais forte entre os mais jovens, dedicando-se à assistência de filmes infantis, literatura sobre formação psicológica e acompanhamento a práticas esportivas.

[I-15] Agora estou lendo psicanálise pediatria. [Mulher / famílias intelectualizadas / 51 anos]

[I-16] Eu fui com o Tony, ele tinha um pouco menos de dois anos, *Chama Scaratuja*, é uma peça para bebês, é sem falar, é a linguagem deles. [Mulher / altamente escolarizada / 40 anos]

São os mais jovens que com mais frequência procuram conversar com seus filhos e cônjuges, sobre assuntos como estudo, futuro e trabalho numa abertura para o modelo familiar moderno (Singly, 2003).

### A posse distintiva de capital cultural

A literatura concernente a este tema (Draelants e Ballatore, 2021) vem se perguntando o quanto o conceito de *capital cultural* é ainda importante para a reprodução da dominação das elites pela consonância entre sua posse e o rendimento escolar. Todavia, para os interesses da pesquisa perguntou-se se a posse de capital cultural, ainda é relevante para a reprodução e legitimidade social dos grupos dominantes. Nessa direção, é necessário colocar que essa investigação vem apontando que mais do que a própria transmissão desse recurso nas famílias, estratégias parentais estão cada vez mais presentes. O traquejo e o conhecimento sobre as engrenagens do sistema escolar (Nogueira e Aguiar, 2007) bem como práticas distintivas de investimentos em estudo de idiomas e a escolha de estabelecimentos escolares, vêm auxiliando na manutenção dos privilégios das elites.

[I-8] E essa foi uma dúvida grande, por que a gente optou que ele ficasse na FEA? Porque ele quer fazer uma especialização fora, e na hora a USP é muito mais conhecida no mundo inteiro. Fizeram intercâmbio, Rose foi para Paris estudar arquitetura em um escritório premiado e Ricardo foi fazer um intercâmbio pela USP em Estocolmo, Suécia. [Mulher / altamente escolarizada / 55 anos]

Há muito sabemos que a transmissão vertical e direta de cultura, isto é, a transmissão osmótica pelo amor à arte está em declínio. A massificação escolar, o poder da cultura jovem disseminada pela cultura de massas e legitimada pelos pares apresenta uma outra configuração de cultura, que acaba por diminuir o peso de práticas restritas ou *highbrow* no interior das famílias das camadas médias e dominantes (Pasquier, 2005).

Essa pesquisa permite afirmar que o tempo de pertencimento às elites é um importante marcador social. Isto é, é um meio de observar a trajetória dos indivíduos na construção de uma estrutura de capitais. É no tempo de pertencimento às frações das elites que conseguimos observar as estratégias de conquista e manutenção de recursos como o capital cultural que lhes conferem poder. Dos quatro grupos comentados acima, notou-se que os sujeitos provenientes de famílias intelectualizadas são os que têm como tradição um contínuo culto ao capital cultural. Ou seja, seus pais (N=11), avós paternos (N=8) e maternos (N=6) já possuíam ensino superior e suas avós maternas e paternas se destacaram por um nível de escolaridade maior.

[I-15] O meu avô foi um dos fundadores da USP. Ele tinha cadeira de Química pela Universidade de Humbolt. Aí ele foi para a Suíça, a minha avó estava estudando com o Piaget. Minha avó falava seis línguas. [Mulher / famílias intelectualizadas / 51 anos]

[I-26] Meu avô, filho de pastor luterano, era uma pessoa superculto. Ele participou de algumas traduções da Bíblia para o português. Ele era especialista em hebraico, em grego. Era erudito. [Homem / famílias intelectualizadas / 42 anos]

[I-03] Minha avó materna era uma pessoa bárbara, muito culta. Ela era escritora, tem alguns romances publicados. [Homem / famílias intelectualizadas / 50 anos]

Em relação à ocupação, descendem majoritariamente, de profissionais liberais e professores em duas gerações anteriores (N=6). Na mesma direção, pais e mães deste grupo possuem uma escolaridade mais longa, bem como seus filhos completaram seus estudos em universidades fora do país (N=4). Por último, os/as cônjuges desta fração dedicam-se a profissões intelectualizadas, como professoras/es universitárias/os, jornalistas e artistas plásticos/as (N=5) bem como altos executivos (N=7).

Associado a este gosto pela área acadêmica, pela ciência e pesquisa, os sujeitos dessa investigação oriundos de famílias intelectualizadas se destacaram por serem os que se dizem mais agnósticos (N=5) e possuem como *hobby* o colecionismo de obras de arte e práticas legitimadas (N=7).

[I-27] Teatro bastante, assim dez vezes ao ano, eu também faço teatro. [Homem / famílias intelectualizadas / 59 anos]

Ao mesmo tempo são aqueles que menos assistem TV e que vão mais ao cinema (N=10) e optam por séries oferecidas por um circuito intelectual (N=7). Em matéria de leitura, escolhem como gênero de preferência as brochuras dos clássicos e biografias ainda que tenham mostrado certo ecletismo (N=12). Frequentam museus regularmente (N=8), fora e dentro do país, e exposições de arte (N=7). Por certo, estamos diante de uma fração das elites com alto volume de capital cultural. Ou seja, são eles que parecem ser mais predispostos ao consumo dos bens legítimos. Próximo a eles, ressalta-se que as frações que estão há três gerações nas elites são tão

dedicadas a leitura quanto os pertencentes às famílias intelectuais com um gosto eclético em termos de gêneros da literatura (N=13). Também costumam frequentar museus fora e dentro do Brasil (N=8), com assiduidade.

[I-41] A primeira vez que eu ouvi falar de Marcuse, ainda criança, foi minha mãe lendo alto um livro, com minha tia e as duas discutindo. [Mulher / há três gerações nas elites / 67 anos]

São também bem atentos às mudanças de uma globalização emergente.

[I-13] Era outro mundo [inglês] era considerado sublíngua. Pessoas de bem deveriam aprender a comer e a falar francês, isso era fundamental. Meu pai foi para o inglês. Ele era, de certa forma revolucionário. Ele foi estudar em Columbia. [Homem / há três gerações nas elites / 67 anos]

O agrupamento que mais se distingue desta fração acima mencionada é aquele que superou as barreiras das elites pela escolarização. São eles que mais assistem TV (N=7), vão às vezes ao cinema (N=6), veem séries de TV com mais assiduidade (N=10) e o último livro lido era um técnico (N=14). São mais ecléticos em termos de gênero musical (N=13) e no estilo de móveis domésticos (N=18). Seus pais (N=5), mães (N=6), avós paternos (N=6) e maternos (N=4) se destacam por uma escolaridade baixa e com profissões técnicas.

[I-7] Meu vô e minha vô eram alfaiate e costureira. [Mulher / altamente escolarizada / 46 anos]

[I-4] Meu pai era jornalista, funcionário público. Minha mãe era cantora de rádio. [Homem / altamente escolarizado / 68 anos]

Neste sentido, concordando com Draelants e Ballatore (2021), seria necessário ampliar o entendimento do conceito de capital cultural, abordando-o como processo. Mais do que isso, é preciso avançar apresentando novas formulações e entendimentos contextualizando-o historicamente. Nessa pesquisa, independente da origem social, identificou-se que todos passaram por processos educativos que mobilizaram recursos e aprendizados mais eficientes e consonantes ao mundo contemporâneo e globalizado. De maneira indireta, as estratégias parentais pareceram mobilizar recursos por procuração, selecionando escolas, na tentativa de controlar a sociabilidade da prole, bem como antenadas aos novos desafios. Em artigo anterior Setton (2022) observa que a escolha por escolas bilíngues, cursos de idiomas e cursos técnicos, fora do Brasil, foram mecanismos correntes utilizados como apostas na reprodução do poder desses agrupamentos familiares. Dessa forma, *tempo* e *espaço* seguem sendo categorias que auxiliam na compreensão de novas estratégias de dominação simbólica das elites (Setton: 2021b).

[I-15] Então a minha família, desde muito cedo, ela foi uma família internacional, e eu herdei isso. Então eu sou uma pessoa internacional, eu estou ligada no que acontece no mundo, eu tenho contatos no mundo, eu faço negócios no mundo. [Mulher / famílias intelectualizadas / 51 anos]

[I-16] A gente investe em países lá fora. Temos que entender um pouco de tudo, Turquia, Hungria, Polônia, Singapura, Ásia, etc. e tal. [Mulher / altamente escolarizada / 40 anos]

Em síntese, tais competências que a bibliografia denomina competências migratórias, a posse de um capital de mobilidade espacial e internacional, podem e devem ser vistas como novas formas de capital cultural que certamente depende de um capital econômico e capital social globalizado.

### Apontamentos finais

O objetivo desse artigo foi identificar e analisar as representações, as rotinas culturais ou mesmo o *modus vivendi* de algumas frações das elites da cidade de São Paulo. Buscou-se observar a gênese das lógicas do gosto cultural de alguns grupos dominantes a fim de compreender os processos de construção de suas subjetividades e/ou estratégias capazes de conferir a eles poder, legitimidade e reconhecimento social.

Tudo leva a crer que os sujeitos dessa pesquisa, imersos em uma profusão de bens simbólicos, foram capazes de compor um repertório cultural amplo, diversificado e por vezes híbrido, sendo estruturado por uma lógica historicamente datada. Em outras palavras, respondendo à pergunta inicialmente apresentada, os resultados evidenciam que não existe apenas uma apropriação de bens da alta cultura, mas existe uma clara predisposição à cultura dos meios de comunicação de massa e a outras práticas que atualmente conferem poder, como a mobilidade espacial e internacional. Assim os dados suportam a hipótese de que o mais relevante não seria o que se consome, mas como e em quais circunstâncias se consome determinado bem cultural. Em síntese, a gênese da lógica do gosto do grupo estaria na composição eficaz de alto capital econômico, social e cultural somados às novas formas de capitais do mundo globalizado. Por certo, a pesquisa foi capaz de apreender não só o que se consumiu, mas também as composições de atividades que conferem a estes grupos certo prestígio. Ou seja, moradias, lazeres, espaços escolares exclusivos, viagens ao exterior e intercâmbios culturais em outros países dando-lhes a continuidade de uma legitimidade e de uma dominação simbólica velada e pouco perceptível a olho nu. Por certo, uma práxis que lhes atribui um sentimento de superioridade frente aos menos aquinhoados.

Concordando com Draelants e Ballatore (2021), na atualidade, a mobilidade espacial impõe estratégias de aprendizagem cada vez mais precoces objetivadas em traquejos linguísticos, comportamentais e cognitivos conferindo às elites um acúmulo de disposições e ou predisposições que expandem a diferenciação e as

desigualdades entre os grupos sociais, reforçando a ideia de que, hoje, a *distinção* das frações das elites conta menos com um capital cultural erudito ou híbrido, mas para um capital cultural de mobilidade internacional e relacional. Competências e apetências garantidas para um deslocamento espacial altamente rentável com a propriedade de ser reconvertido em mais capital cultural, mais capital social e econômico.

Contudo, como alerta a literatura devemos analisar como estas atividades se transformam em trunfos ou capital simbólico capaz de garantir a reprodução de classe e manutenção das fronteiras entre eles e outros agrupamentos sociais (Bertoncelo e Nicolau Neto, 2023). Numa tentativa de resposta constatou-se pequenas diferenças de estilos em matéria de opções culturais no tocante ao gênero, à geração e ao tempo de pertencimento às elites como marcadores hierárquicos, não anulando, todavia, em sua composição, certa legitimidade em suas escolhas. Buscando saber a gênese da dominação a partir do conceitual bourdieusiano, foi possível afirmar ainda que os trunfos das elites não se encontram apenas na posse de capital cultural erudito ou amplo, mas na interdependência e ou na sua hibridização (Setton, 2016), entre eles e o capital econômico. Uma nova forma de legitimidade e distinção cultural emerge nas atitudes observadas. Em outras palavras, esta nova configuração de capitais se reveste em uma nova distinção baseada não na posse de um capital cultural legitimado e sim na detenção de uma gama ampliada de capitais, (social, econômico, cultural, migratório, internacional e tecnológico) articulados, obedecendo uma lógica posicional. É possível afirmar também que alguns setores, tais como os do mercado financeiro, comércio, altos executivos e celebridades, são aqueles que mais demandam um capital migratório e internacionalizado. Por outro lado, os setores da indústria, profissionais liberais e políticos, articulam capitais de relações e laços sociais e as frações da comunicação e agricultura enfatizam capitais tecnológicos. Em todos a proficiência em idiomas é fundamental.

Tudo leva a crer que o volume e a composição de recursos econômicos e culturais das frações estudadas e a posse de um sentido prático, numa apetência original de seus *habitus* posicionais foram capazes de apreciar e identificar o que garantiria uma reprodução do poder cultural e simbólico de seus grupos de origem. Indo mais além uma nova forma de capital cultural se destaca neste grupo. Trata-se de um tipo de capital cultural processual que lhes permite vínculos, acessos a espaços e grupos exclusivos, uma construção identitária cosmopolita já iniciada nos primeiros anos da escola (Setton, 2022). E, para tanto, só a posse de um repertório cultural, vários idiomas, acesso a informações e desembaraço social não seriam suficientes. Hoje, tudo leva a crer que o capital econômico, a possibilidade de frequentar escolas internacionalizadas, liberdade financeira de viagens constantes ao exterior, em lazer ou não, bem como um contexto de negócios multinacionais, corroboram um posicionamento social seguro e de difícil acesso. Respondendo a uma das questões iniciais, é possível afirmar que o domínio de um capital cultural relacional e internacionalizado predispõe este grupo a assegurar sua reprodução social e simbólica garantindo a manutenção e legitimidade de seu poder.

Confirmando estudo anterior (Setton, 2021a), quatro categorias de análise, “espaço, tempo, internacionalização e redes/laços sociais”, em uma intensa relação

de interdependência, servem como mecanismos de conquista e ou manutenção de estratégias de controlar recursos sociais — capital cultural, capital social, capital simbólico e capital econômico — como instrumentos de poder, legitimidade cultural e distinção. As categorias “tempo e espaço”, revelam que a permanência em determinados ambientes, assegura uma vivência homogênea, bem como está diretamente relacionada à circulação em espaços sociais capazes de transmitir, adquirir, valorizar e legitimar formas de conduta. Não poderia se esquecer que as categorias “internacionalização e alianças e redes de contato”, estão forçosamente articuladas com determinados ambientes propícios à propagação e legitimação de posições sociais favorecidas.

Decerto, proporcionou-se uma forma objetiva de poder em sua materialidade econômica, bem como uma legitimidade simbólica corroborada pela imagética construída pelas mídias. De difícil acesso criou-se uma percepção de que estas frações seriam inacessíveis e distantes, tal como o conceito de *elite* se predispõe a ter no imaginário social. Servindo como um *slogan* assistemático, genérico e pouco reflexivo, a categoria elite passa por um entendimento idealizado e legitimado pela posse de bens materiais e imateriais. Nosso esforço aqui foi trazer a vivência de sujeitos que, em seu cotidiano e história, tecem estratégias invisíveis de disputa política pela conquista, manutenção e reprodução de um lugar no poder.

### Referências bibliográficas

- Almeida, Ana, e Maria Alice Nogueira (2003 [2002]), *A Escolarização das Elites. Um Panorama Internacional da Pesquisa*, Petrópolis, Editora Vozes.
- Bertoncelo, Edison, e Nicolau Neto, Michel (2023), “Captando a distinção empiricamente: uma análise baseada em uma pesquisa multimétodos”, *Contemporânea*, 3 (2), pp. 359-389, dossiê “Consumo e Classe Social — Questões Metodológicas” (Araraquara).
- Botelho, Isaura, e Mauricio Fiore (2004), “O uso do tempo livre e as práticas culturais na Região Metropolitana de São Paulo”, comunicação ao VIII Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais.
- Bourdieu, Pierre (1979), *La Distinction — Critique Sociale du Jugement*, Paris, Les Editions de Minuit.
- Bourdieu, Pierre, (1983 [1980]), *Questões de Sociologia*, Rio de Janeiro, Editora Marco Zero.
- Bourdieu, Pierre (2002), *A Produção da Crença. Contribuição para Uma Economia dos Bens Simbólicos*, Porto Alegre, Editora Zouk.
- Coulangéon, Philippe (2004), “Classes sociales, pratique culturelles et style de vie: le modèle de la distinction est-il (vraiment) obsolète?”, *Sociologie et Sociétés*, 36 (1), pp. 58-85 (Montreal).
- Coulangéon, Philippe (2023 [2021]), *Culture de Masse et Société de Classes. Le Goût de l’Altérité*, Paris, Presses Universitaires de France.
- Daie, Fabio S. (2014), “Democracia: um projeto de extinção”, em Silvio Caccia Bava, (org.), *Thomas Piketty e o Segredo dos Ricos*, São Paulo, Editora Veneta, pp. 126-125.

- Donnât, Olivier (1997), *Enquête sur les Pratiques Culturelles des Français*, Paris, Département des Etudes e de la Prospective, Ministère de la Culture, La Documentation Française.
- Draelants, Hugues, e Magali Ballatore (2021), “Capital cultural e reprodução escolar: um balanço crítico”, *Educação e Pesquisa*, 47, pp. 6-35 (São Paulo).
- Forjaz, Maria Cecília (1988), “Lazer e consumo cultural das elites”, *RBCS*, 6 (3), pp. 99-113 (fevereiro, Rio de Janeiro).
- Jacoby, Russel (2014), “Sobre algumas omissões de Thomas Piketty”, em Silvio Caccia Bava, *Thomas Piketty e o Segredo dos Ricos*, pp. 98-111, São Paulo, Editora Veneta.
- Khan, Shamus (2012), “The sociology of elites”, *Annual Review of Sociology*, 38, pp. 361-377 (Palo Alto).
- Lahire, Bernard (2006 [2004]), *A Cultura dos Indivíduos*, Porto Alegre, Editora Artmed.
- Mira, Maria Celeste (2008), *O Leitor e a Banca de Revista. A Segmentação da Cultura no Século Vinte*. São Paulo, Editora Olho d’Água.
- Mira, Maria Celeste, A. Lucia Castro, e Miguel Michetti (2023), “Dinâmicas distintivas em torno do consumo audiovisual na cidade de São Paulo”, *Contemporânea*, 3 (2), pp. 391-416, dossiê “Consumo e Classe social — Questões Metodológicas” (Araraquara).
- Moraes Silva, Graziela, e M. Lopes (2015), “Brazilian people in the eyes of elites: repertoires and symbolic boundaries of inequality”, *Sociologia e Antropologia*, 5 (1), pp. 1-25 (Rio de Janeiro).
- Nogueira, Maria Alice, e A. M. Aguiar (2007), “A opção de famílias brasileiras por escolas internacionais”, *Cadernos de Pesquisa em Educação*, 13, pp. 68-94 (Vitória, PPGE, UFES).
- Ortiz, Renato (1988), *A Moderna Tradição Brasileira. Cultura Brasileira e Indústria Cultural*, São Paulo, Editora Brasiliense.
- Pasquier, Dominique (2005), *Cultures Lycéennes. La Tyrannie de la Majorité*, Paris, Autrement.
- Perissinoto, Renato, e Adriano Codato (2008), “Apresentação: por um retorno à Sociologia das Elites — dossiê Elites Políticas”. *Revista de Sociologia Política*, 16 (30), pp. 7-15 (Curitiba).
- Pinçon, M., e M. Pinçon-Charlot (2007), *Les Ghettos du Ghetto. Au Coeur de la Grande Bourgeoisie*, Paris, Editions du Seuil.
- Pinçon, M., e M. Pinçon-Charlot (2019 [1998]), *Grandes Fortunes. Dynasties Familiales et Formes de Richesse en France*, Paris, Editions Payot.
- Pulici, Carolina (2009), “Sociologia do gosto: notas sobre um confronto bibliográfico”, *Bib — Revista Brasileira de Informação Bibliográfica em Ciências Sociais*, 67, pp. 95-110 (São Paulo; Rio de Janeiro).
- Pulici, Carolina, e Dmitri Fernandes (2019), *As Lógicas Sociais do Gosto*, São Paulo, Editora Unifesp.
- Ribeiro, Carlos A. C. (2014), “Mobilidade e estrutura de classes no Brasil contemporâneo”, *Sociologias*, 37, pp. 178-216 (Porto Alegre).
- Saint-Martin, Monique (2019), “Prefácio”, em Carolina Pulici e Dmitri Fernandes (orgs.), *As Lógicas Sociais do Gosto*, São Paulo, Editora Unifesp, pp. 9-25.

- Setton, Maria da Graça J. (2004), *Rotary Club. Habitus, Estilo de Vida e Sociabilidade*, São Paulo, Editora Annablume.
- Setton, Maria da Graça J. (2012), *Socialização e Cultura — Ensaio Teóricos*, São Paulo, Editora Annablume.
- Setton, Maria da Graça J. (2015), *Juventude na Amazônia. Experiências e Instituições Formadoras*, Curitiba, Editora CRV.
- Setton, Maria da Graça J. (2016), *Socialização e Individuação — A Busca pelo Reconhecimento e a Escolha pela Educação*, São Paulo, Editora Annablume.
- Setton, Maria da Graça J. (2021a), “Estudos sobre as elites: uma leitura da produção em periódicos — 1998-2017”, *Revista Pró-Posições*, 32 (e20180070), pp. 1-37, (Campinas).
- Setton, Maria da Graça J. (2021b), “Socializando o pesquisador a observar a socialização dos sujeitos: notas sobre pesquisas com as elites”, *Espaço Pedagógico*, 28 (1), pp. 83-105 (Passo Fundo).
- Setton, Maria da Graça J. (2022), “Tendências na escolarização das elites paulistanas nos séculos XX e XXI”, *Educar em Revista* (revista eletrônica), 38 (e85438), pp. 1-24 (Curitiba).
- Setton, Maria da Graça J. , Claudia P. Vianna, e Paulo Neves (2022), “Socialização de habitus: gênero e geração nas elites paulistanas”, *Educação e Pesquisa* (revista eletrônica), 48 (e254257), pp. 1-20 (São Paulo).
- Singly, F. (2003), “La famille individualiste face aux pratiques culturelles”, em O. Donnat, e P. Tolila (orgs.), *Le(s) Public(s) de la Culture*, Paris, Presses de Sciences Po., pp. 43-60.
- Souza, D. Ayrosa, e I. C. Cerchiaro (2013), “‘Do bom de do melhor’: o consumo de bens de luxo na classe C”, *Sociedade, Contabilidade e Gestão*, 16 (46), pp. 67-83 (Rio de Janeiro).

Maria da Graça Jacintho Setton. Professora titular de Sociologia da Educação, Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo — USP, Brasil.  
E-mail: gracaset@usp.br  
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7306-9293>  
Contribuições para o artigo: conceptualização, curadoria dos dados, análise formal, investigação, metodologia, administração do projeto, validação, visualização, redação do original, revisão e edição.

Receção: 26/06/2024 Aprovação: 02/10/2024

